

## Entrevista

Roberta Pires de Oliveira é Doutora em Lingüística pela Katholieke Universiteit Leuven (1995), na área de Semântica/Pragmática e Filosofia da Linguagem. Fez Pós-doutoramento no Massachusetts Institute of Technology (MIT), de 2004 a 2005. Atualmente é professora na graduação em Letras e na pós-graduação em lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina, onde coordena o curso de Letras Português a distância. E é justamente na condição de coordenadora dessa modalidade de ensino (a chamada EaD) que a convidamos para essa entrevista. A professora Roberta Pires faz questão de deixar claro que não é uma pesquisadora da modalidade a Distância de Ensino, mas que assumiu o compromisso de coordenar o curso motivada pela vontade de aprender sobre o funcionamento da EaD. Passados poucos anos, notamos não apenas o quanto ela já aprendeu, mas sobretudo o quanto pode nos ensinar sobre o assunto. É um prazer e uma honra contarmos com sua colaboração em nosso número temático.

**TD:** Falar em nivelamento (no que diz respeito a ensino e aprendizagem) entre os cursos presenciais e os de EaD consiste em utopia ou poderemos pensar nisso de maneira mais efetiva em breve? Ou seria necessário estabelecermos critérios distintos de avaliação para as diferentes modalidades?

**Roberta Pires:** Essa não é uma questão simples. Em primeiro lugar porque há uma certa crença, que deveria ser comprovada, de que o ensino presencial é melhor. Talvez os alunos do presencial venham mais preparados, porque tem o vestibular; talvez eles tenham mais chance de estudar - sem precisar trabalhar -; talvez eles tenham mais contato com os professores, tenham mais atividades acadêmicas. Mas não tenho tanta certeza de que o curso em si no presencial é melhor. O que aprendemos é que a modalidade a distância é diferente da presencial. Creio que essa experiência a distância pode contribuir para o presencial. Por exemplo, os nossos alunos do presencial são muito mais dependentes, menos autônomos do que os alunos a distância. Por outro lado, os alunos a distância são mais carentes, têm uma base mais frágil. O ideal, acredito, é o curso a distância ser mais estendido no tempo, dando maior oportunidade para o aluno aprender. Ao mesmo tempo, me parece interessante tornar os alunos do presencial menos dependente dos professores, mais donos do seu próprio saber.

Também notamos que precisamos fazer mudanças no currículo, tanto no presencial quanto no a distância.

**TD:** Como lidar com o diferente tempo de dedicação aos estudos que os alunos da EaD podem reservar, dado que parte significativa desses estudantes procuram a graduação a distância por terem outras ocupações durante o dia? Ou isso é um mito?

**Roberta Pires:** Não é um mito, mas a mesma questão se coloca para o aluno presencial do noturno. Há vários alunos que trabalham e estudam. Essa é uma realidade do Brasil. O ensino a distância em outros países, na Espanha, por exemplo, é voltado principalmente para quem já tem uma graduação, já trabalha e quer mudar de área. Ele supõe um aluno que está interessado em estudar e que terá que conciliar estudo e trabalho. É difícil, mas não impossível. É preciso ser organizado. Como o aluno do noturno sai para estudar todas as noites e assiste 4 aulas, o aluno a distância precisa garantir esse tempo de estudo. Obviamente não é fácil.

**TD:** A diferente forma de atuar nos estudos (desde as intervenções individuais até as participações nos ambientes virtuais compartilhados com outros colegas) tem gerado diferentes alunos? E professores? É possível dar algum exemplo?

**Roberta Pires:** A experiência a distância mexeu com os professores e isso é positivo. Proporcionou repensarmos nossas atividades didáticas, o conteúdo que ministramos, a maneira como fazemos. Permitiu que redigíssemos livros textos que têm seu papel; no mínimo eles exigem uma reflexão sobre o conteúdo da disciplina.

Creio que ainda não conseguimos modificar o comportamento dos alunos. Os alunos a distância ainda não aprenderam a ser autônomos. Eles têm um comportamento como os nossos alunos do presencial: querem saber o que cai na prova - note que essa atitude mostra uma relação (em geral negativa) com o conhecimento -, não fazem pesquisa por vontade própria, querem a presença do professor. Mudar essa relação com o saber é talvez o maior desafio do ensino universitário, a distância e presencial. Enquanto o estudo for feito para responder a questões de uma prova não estamos maduros academicamente.

Na minha opinião, a contribuição do ensino a distância é forçar a mudança nessa relação dos alunos com o conhecimento.

A nossa universidade é, no fundo, um grande colégio. Não é assim em outros países e precisamos mudar nossa postura.

**TD:** O envolvimento de docentes que não se formaram para esse tipo de trabalho mas que agora passam a treinar a diferente modalidade de ensino nos permitiria falar numa crença coletiva no projeto?

**Roberta Pires:** Há uma esperança de que o ensino a distância possa ajudar na educação básica e fundamental. O projeto foi idealizado para professores que já atuam na rede pública, mas ou não têm graduação ou têm graduação em outra área. Acreditamos, sem realmente verificar, que são poucos os casos assim. Mas esse não é o caso, nem mesmo em Santa Catarina.

Na primeira edição não pudemos direcionar a licenciatura em letras português apenas para esse público porque a constituição não permitia. Agora, é possível. Tanto que a segunda edição será prioritariamente para professores que já estão dando aula. E, como disse, não é pouco o índice de professores de português sem formação na área. A esperança coletiva é que formando os professores que irão atuar no ensino médio e fundamental possamos interferir na educação básica, em efeito dominó: formamos professores que irão formar melhor seus alunos. Não é nenhuma novidade que os índices de desempenho da educação brasileira são vergonhosos. Estamos na 75 posição no índice de desenvolvimento humano!

**TD:** Mais alguma colocação?

**Roberta Pires:** Gostaria de esclarecer que não sou uma especialista em EaD. A profa. Zilma e eu resolvemos redigir o projeto pedagógico do EaD, em 2005, respondendo a um edital do MEC, porque, no meu caso, eu tinha interesse em entender como funcionava essa modalidade, por várias razões. Acredito que a modalidade a distância pode efetivamente democratizar o acesso à educação, à universidade, permitindo que mais pessoas possam ter uma formação. Também acredito que esse é um caminho para o ensino presencial. Não se trata de acabar com o ensino presencial, mas de torná-lo mais moderno. Por que precisamos que os alunos venham todos os dias para a universidade? Por que precisamos deslocar

professores para defesas de tese se podemos fazer por videoconferência? Deslocamentos têm sérias consequências: trânsito, poluição, gastos... E como já disse, acredito que a modalidade a distância pode ajudar a termos uma outra relação com o saber. Não uma relação lúdica - nem sempre aprender é divertido, muitas vezes exige muita concentração -, como querem certas pedagogias facilitadoras, mas uma relação de "presença", vamos dizer assim, afinal essas palavras são tão desgastadas, no sentido de sermos sujeitos do saber.